

SOBRE DOIS MORFEMAS INDÓCEIS EM TUPÍ-GUARANÍ

Francesc Queixalós

CNRS

1 INTRODUÇÃO

2 O REFERENCIANTE

3 O CASO DO ARGUMENTO INTERNO

4 SUMÁRIO

5 BIBLIOGRAFIA

1 INTRODUÇÃO

Aquí reúno fragmentos de autobiografia acadêmica e científica com o intuito de sintetizar minhas análises — publicadas ao longo dos últimos trinta anos — de dois aspectos da morfologia das línguas Tupí-Guaraní. Almejo oferecer uma visão sinóptica dos resultados aos que tais análises me levaram. Trata-se dos chamados sufixo de "caso argumental" e prefixo "relacional de contiguidade" (Rodrigues 1996 e inúmeros outros autores).

A língua que inicialmente estudei como linguista aprendiz — início dos anos setenta — é falada no médio rio Orenoco, principalmente na região de savana ao oeste desse rio. Chama-se Sikuani. Paralelamente à atividade propriamente científica, participei de várias experiências voltadas para a educação bilingue. Meu papel consistia em formar professores indígenas para o ensino e a prática, nas escolas das aldeias, da primeira língua dos alunos. Em 1984 três linguistas do CNRS (Paris) criamos, em uma Universidade de Bogotá, um mestrado de linguística indígena: dois anos alternando períodos de trabalho de campo com aulas de formação teórica e metodológica, complementados por uma formação em antropologia. Além disso, no segundo ano o estudante redigia uma monografia com a descrição fonológica e gramatical da língua por ele pesquisada, trabalho a ser defendido no encerramento do ciclo. Houve umas quatro ou cinco edições do mestrado. Os três fundadores participamos como docentes das duas primeiras. Assistiam como discentes vários indígenas bolsistas do governo colombiano. No início dos anos noventa, eu já de volta em Paris, meu laboratório do CNRS recebeu a visita da chefe do departamento de antropologia do Museu Goeldi, Lourdes Furtado. Ela ia à procura de algum colega interessado em trabalhar um tempo no Museu Goeldi, onde estava-se implementando um programa de pesquisa / formação em linguística e línguas indígenas. Em reunião dos pesquisadores o director do laboratório informou do pedido, por se houvesse algum candidato. Silêncio sepulcral na assembleia. Ai, vindo do fundo da sala, um suspiro: "Ah! O Brasil!"

Dois anos mais tarde eu e a minha família completa pousávamos no aeroporto de Val de Cans. O Denny e um estagiário do Museu nos esperavam. De lá fomos para a rua Tupinambás, onde um pesquisador do — na época — ORSTOM temporariamente ausente tinha colocado seu apartamento à nossa disposição. Iamos ficar lá enquanto conseguimos moradia. Na porta, um cartazinho: "Benvinguts!" Eu: "Denny, você fala catalão?" Ele: "Não. Esse estagiário aqui diz que fala." Era o Sérgio Meira que, além de um número colossal de línguas, falava catalão — confesso que melhor do que eu — sem nunca ter saído do Brasil. Foi o lugar onde aprendemos nossa primeira palavra de português quando, na manhã que seguiu, alguém bateu na porta, abrimos, e uma mulher falou: "Lixo!" deixando os lábios arredondados por um bom tempo após a última sílaba. Nos olhamos uns para os outros: "O que ela quer?"

O Museu era um retalho de mato amazônico no centro da cidade. As chuvas tropicais sobre o parque — "No verão chove todos os dias. No inverno chove o dia todo." — me levavam de volta às origens da Terra e à formação dos oceanos. Como ecoando essas impressões, um belo dia a maior mangueira do parque desabou em cima de um dos prédios. Os estagiários colegas do Sérgio eram pessoas inteligentíssimas. Aprendi muita linguística tentando cooperar na solução dos problemas de análise que as línguas por eles estudadas — Mekens, Karo, Trumai, Kayapó, Apurinã, Karajá, Djeoromitxi, Karitiana, Tiriyo — apresentavam. Acontecia às vezes que um problema insolúvel para o estagiário resultava ser insolúvel também para mim. Foi o caso do Karajá.

Linguística também aprendi com o Spike Gildea, recém doutorado do Oregon e chegado em Belém pouco depois de nós. Ele e a família ficaram hospedados na nossa casa até conseguirem a própria, o que propiciou múltiplas e dilatadas conversas sobre o papel da diacronia na inteligibilidade da sincronia.

A instâncias do Denny eu fiz indagações sobre alguma língua falada no Brasil que fosse pouco documentada. Confesso que escolhi o Katukina por causa do nome. Soava como pau de chuva. As contingências do transporte me levaram até o dialeto Kanamari. Descobri um universo totalmente oposto à minha experiência sikuani. Floresta amazônica esplendorosa — Vale do Javari — contrastando com as savanas do Orenoco. Acesso por água, seis dias subindo o Itaquai, em lugar dos quatro a dez dias imerso no cheiro a gasolina de um caminhão ziguezagueando à procura do seu caminho nas inacabáveis planícies vibrantes de sol ou convertidas pelas chuvas em profundos lamaçais. Um rio desprovido de carapaná e pium, coisa nunca vista. Só que de margens proibidas: à direita, os Korubo — na época: Caceteiros —, à esquerda, os Flecheiros. Já no destino no alto rio, Koriripa. Umas pessoas receptivas, afáveis, sem medo algum, crianças encostando em mim, ao passo que os Sikuani quase fugiram para o mato a primeira noite que eu dormi na sua aldeia.

Chegou a hora de aprender mais linguística. O Katukina-Kanamari — dois dialetos, uma língua; abreviando: Katukina — era, no meu planeta teórico-tipológico, o antípoda do Sikuani. Ordem de palavras, peso da morfologia, constituição, estrutura do sintagma nominal, codificação dos argumentos, alinhamentos, tudo os opunha. Deixando de lado as línguas hiper-documentadas, como você reconstrói uma imagem mental do que é uma língua humana tendo presente na cabeça a estrutura de duas línguas tão diferentes a primeira vista? Teoria e mais teoria. A pesar das exagerações às que costumava incorrer, Postal (1970) estava certo ao insinuar que não precisamos ter analisado *todas* as línguas do mundo para fazer hipóteses fecundas sobre a estrutura das línguas em geral ("a linguagem"). No que a mim respeita pode se ver uma amostra dessa refundição intelectual em Queixalós (no prêlo).

Nos mudamos para o Campus da avenida Perimetral. O que perdemos em natureza tropical ganhamos em conforto para trabalhar. Sempre pensei que a linguística do Museu devia interagir ativamente com a Universidade Federal do Pará, pois afinal de contas as sementeiras dos novos talentos são as Universidades. Aproveitando a maior proximidade geográfica, eu acabei ministrando um curso para os estudantes em uma sala de aula do Campus.

O IRD — novo nome do ORSTOM — concedeu duas bolsas para estagiários. O primeiro beneficiado foi o Sérgio Meira, orientando do Spike Gildea. O segundo eu conheci ao colaborar com a Colette Craig — hoje Grinevald — em um curso do Museu sobre iniciação à pesquisa em línguas indígenas. O episódio merece ser contado.

Ao eu passar perto de um grupo de estudantes no meio de uma conversa animada, ouvi como um deles estava relatando algo que me soou familiar por tê-lo ouvido dezenas de vezes lá no Javari. Uma canoa encostada em uma praia de rio, mulheres e crianças nus na beira do mato convidando o visitante para chegar perto. Confiante, este sai da canoa, se aproxima,

quando repentinamente é neutralizado por dois ou três homens e levado na marra para o interior do mato.

"Desculpem interromper. Qual o nome dos Índios?"

"Caceteiros."

"Se você tivesse encontrado com esses Índios você não estaria aqui contando."

O interessado separou os cabelos no cume do crânio, exibindo uma cicatriz de uns oito centímetros de comprimento. Sua altura o salvou: a borduna não desceu conforme o ângulo certo. Após o curso ele se candidatou para estagiário no Museu. Estudaria a língua dos Matis, vizinhos dos Caceteiros, e seria meu orientando com financiamento — bolsa e trabalho de campo — do IRD.

No ano 1996, quase no final de minha permanência no Museu, aconteceram três coisas notáveis. Uma foi a visita de Noam Chomsky. Houve uma sessão, no Campus, em que alguns estagiários lhe apresentaram suas pesquisas. Eu pude igualmente falar brevemente das minhas sobre Katukina. O comentário do Chomsky foi: "Esas ideias estão voltando." Pensei que ele podia estar pensando nas teses defendidas no MIT um tempo atrás por Alec Marantz sobre relações gramaticais e sua aluna Beth Levin sobre ergatividade. Mas, obviamente, nunca surgiu a oportunidade de conferir.

A outra foi o encontro internacional *As línguas amazônicas na ciência e nas sociedades*, hospedado no Museu e financiado pelo IRD. O primeiro objetivo era quebrar o isolamento mútuo em que tradicionalmente os países amazônicos, nove se incluímos a Guiana Francesa, se mantinham no que diz respeito à pesquisa sobre línguas. O segundo era criar uma rede de pesquisadores que incentivasse de modo permanente os intercâmbios científicos. O terceiro, conseguir que as autoridades governamentais facilitassem os contatos entre falantes do que chamarei de línguas indígenas internacionais, sendo o protótipo a língua Kalinha, falada em Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil. Tentamos co-financiamento pela UNESCO. Nada. Pela Organização do Tratado de Cooperação Amazônica, também conhecida como Pacto Amazônico. Nada, embora a razão principal de sua existência — quebrar o isolamento mútuo — coincidissem com nosso primeiro objetivo. Contudo, a reunião aconteceu. Vieram representantes dos governos, das organizações indígenas, dos programas surgidos na sociedade civil em prol de uma educação diferenciada e, inevitavelmente, do mundo acadêmico. As atas, acompanhadas de um mapa linguístico atualizado de cada um dos nove países participantes, foram publicadas em parceria entre o Museu, o Instituto Socioambiental e o IRD (Queixalós & Renault-Lescure 2000).

O terceiro fato marcante daquele ano 1996 foi quando o Denny me mostrou como você escrevia umas linhas no seu computador, e com um simples clique enviava para uma pessoa geograficamente distante quem ia recebê-las de imediato. ...*marajo*... era o endereço. Obviamente, e como sempre acontece com as invenções que mudam nossa vida, custou-me assimilar que aquilo era real.

Minha missão no Museu chegou ao fim. Daí, e para não me mudar a oito mil quilômetros da floresta, sai com destino à Guiana Francesa onde o IRD tinha um importante centro de pesquisa. Lá, junto com uma colega do IRD, elaboramos um projeto transfronteiriço — noção muito em voga na época — chamado *Langues de Guyane*. Os objetivos eram quatro. 1. A criação de um laboratório de ciências sociais no campus do IRD em Caiena. 2. A pesquisa sobre as línguas minoritárias do país, seis indígenas pertencentes às famílias Arawak, Caribe, Tupi-Guaraní, e quatro crioulos de base lexical inglesa vindos do vizinho Suriname. 3. Inspirada na minha experiência na Colômbia, a formação em linguística e em pedagogia de um grupo de falantes habilitados para acompanhar a incorporação dessas línguas ao ensino primário nos seus territórios respectivos. 4. O prosseguimento da cooperação IRD-Brasil na forma de uma semana mensal de presença *in situ*, no Museu e na Universidade. Foi a época

em que uma professora da Universidade e eu organizamos mensalmente um seminário sobre línguas indígenas com convidados externos financiados pelo IRD. 5. No mesmo intuito de cooperação bi-lateral, a permanência temporária no novo laboratório de, sucessivamente, os dois estagiários do Museu beneficiados com bolsas do IRD.

O primeiro em chegar foi o Sérgio Meira, já experto em línguas Caribe. Ele visitou várias vezes os Kalinha na embocadura do rio Maroni, detectou logo as correspondências entre o Kalinha e o Tiriyo, que ele vinha estudando, e surpreendeu os falantes com seu Kalinha quase perfeito. Posteriormente veio o estagiário que estudava Matis. Ai complicou. Por um acaso de arquivos de computador que não estavam onde deviam, descobri que ele era missionário de uma dessas ramificações brasileiras dos tradutores da Bíblia norteamericanos. E que a visita aos Korubo que quase o mandou logo para o céu tinha sido a típica primeira entrada — ilegal — de missionários evangélicos em um grupo não contactado. Ele ficou sem bolsa e sem filiação no Museu.

O laboratório de Caiena me encomendou o estudo do Emerillon ou Teko, única língua da Guiana ainda não documentada por um linguista profissional. Abriu-se na minha frente um novo universo intelectual, o Tupí-Guaraní. Conheci um professor de ensino básico em uma aldeia teko, interessadíssimo pela língua e casado com uma falante. Colaboramos os três para um artigo sobre classes de palavras (Couchili, Maurel & Queixalós 2002). No decorrer das análises me deparei com um sufixo enigmático, como desprovido de função. Associei-lo à omnipredicatividade (Launey 1994). Essa, digamos, descoberta me motivou a acrescentar uma nova faceta à cooperação transfronteiriça implementada pelo Laboratório de Ciências Sociais: um encontro sobre nomes e verbos em Tupí-Guaraní, onde estariam reunidas as autoridades da tupiguaranística brasileira. Fui avisado que dentre os / as presentes haveria alguns notórios e acérrimos inimigos mútuos. Pensei: tudo bem, ótima oportunidade para lavar a roupa suja e acabar com esses antagonismos que a ânsia de poder tanto gera no mundo acadêmico. Ingenuidade. Tudo ocorreu da maneira mais civil, cada um — com a exceção de Cabral (2001) — repetiu o que já tinha escrito incontáveis vezes, e já de volta em casa as inimizades continuaram. Do meu lado, aproveitei para dar mais forma às intuições sobre aquele sufixo rebelde do Teko. As atas foram publicadas como Queixalós (2001b).

Entramos agora na parte propriamente linguística.¹ Começarei pelo mencionado sufixo do Teko.

2 O REFERENCIANTE

Na literatura esse morfema tem recebido uma gama de denominações: "caso nominal", "caso nominativo", "caso argumentativo", ou simplesmente "caso" (Rodrigues 1996a; 2001), "sufixo nominal", "sufixo nominalizador" (Barbosa 1956), "índice nominal" (Rodrigues 1953; também Barbosa 1956), "caso onomático" (Adelaar 1997), "marcador de função nominal" (Seki 1990), "caso nuclear" (Seki 2000).

O motivo para tal proliferação terminológica, que desvela um grau inegável de opacidade e / ou de indecisão conceitual, reside na carência de uma ferramenta teórica originada no lógico alemão Gotlob Frege (1891) (veja abaixo *circa* o exemplo (15)).

A idéia de "nominalizador" proposta por Barbosa e posteriormente Vieira (1993) é uma primeira aproximação à natureza do sufixo, na condição de ela ser vinculada à idéia concomitante, e à primeira vista surpreendente, de *nominalização de nomes*. Já a sua associação com o conceito de caso depreende-se da distribuição aparente do morfema: ele nunca se combina com as marcas de caso. Se olharmos as genuínas marcas de caso em Tupinambá e em Kamayurá (respectivamente, Rodrigues 2001 e Seki 2000), vemos que a

¹ Abreviaturas: DECL = DECLARATIVO; HUM = HUMANO; SING = SINGULAR.

alomorfia depende de se o caso seguir uma consoante ou uma vogal (simplifico a lista de alomorfes; C consoante, V vogal).

(1)	Tupinambá		Kamayurá		
	...C-caso	...V-caso	...C-caso	...V-caso	
translativo	-amo	-ramo	atributivo	-am	-ram
locativo 1	-ipe	-pe	locativo	-ɪp	-p
locativo 2	-iβo	-βo			
locativo 3	-i	-j			

(As denominações dos diferentes locativos em Rodrigues 2001 são, nessa ordem: pontual, difuso e situacional.)

Tomo o Tupinambá como ilustração do que pode ter ocorrido nas línguas em que o sufixo **-a** *aparenta* formar um paradigma com as marcas de (1). Consideremos a possibilidade de uma época em que essas marcas ocorriam sob a forma de seu alomorfe de base, presumivelmente **-ramo**, **-ipe**, **-iβo**, **-i** (os dois primeiros coincidem com as formas fornecidas por Seki; os dois últimos são reconstruídos por mim). Consideremos ainda a possibilidade de que em essa mesma época o sufixo **-a** estivesse em plena vitalidade na língua, ao contrário de hoje quando olhamos para a família como um todo. Devemos admitir a forte probabilidade das seguintes sequências:

(2)	<i>a</i>	...C	-a	-ramo
	<i>b</i>	...V	-a	-ramo
	<i>c</i>	...C	-a	-ipe
	<i>d</i>	...V	-a	-ipe
	<i>e</i>	...C	-a	-iβo
	<i>f</i>	...V	-a	-iβo
	<i>g</i>	...C	-a	-i
	<i>h</i>	...V	-a	-i

A co-ocorrência passada do sufixo **-a** com as marcas de (1), representada em (2), tem uma confirmação independente na conservação de, pelo menos, o reflexo da sequência **...C-a-(i)pe** em dois tipos de língua. O Emerillon representa o tipo em que o **-a** foi parcialmente perdido. Os contextos em que a sequência ainda aparece são explicitados em Couchili *et al.* (2002), assim como em Rose (2003:116-118), (3) (glossas do original):

(3)	Kayen-a-pe	ikem in	za-iko-nam
	Caiena- a -LOCATIVO	outroa	PESSOA INDETERMINADA-viver-quando
	'Quando, outroa, vivíamos em Caiena'		

O Guaraní Paraguaio representa o tipo em que o **-a** foi absorvido como parte do material fonológico das raízes lexicais. O reflexo da mesma sequência do que em (3) é visível em 'casa' do exemplo a seguir (Correa 1981, citado em Velazquez-Castillo 2002; conservo as glossas em inglês):

- (4) **upe** **óga-pe-gua** **temi-mo-ngakuaa...**
 that house-LOCATIVE-from NOMINALIZINGRESULTATIVE-CAUSATIVE-big

...**i-kuñatai** **ramo-ramó-va**
 3INACTIVE-YoungWoman just-just-RELATIVIZER
 'Someone raised in that household who was just beginning to become a young woman.'

(Na interpretação de Rodrigues o primeiro **ramo** é um sufixo casual do nome que precede.)

Em suma, a adscrição do sufixo **-a** ao paradigma de caso decorre mecanicamente do desconhecimento de dois fatos convergentes: 1. o seu enfraquecimento funcional, e 2. as características dos contextos de (2) que o tornam fonicamente precário, (*b* a *h*). No início da seção 3, porém, fornecerei para outros fins dois exemplos, (16^R) e (8^R) (numeração de Rodrigues), que poderiam indicar o início da recessão em Tupinambá do **-a** como referenciante: as sequências morfológicamente {...**á-a#**} são pronunciadas com uma vogal só ...na transcrição dos primeiros observadores.

Não tenho resposta satisfatória ao motivo pelo qual não se manteve a sequência (2-*a*), ao exemplo da conservação do **-a** nos contextos que ilustra o exemplo (3) do Teko. Mas talvez devamos assumir que a sequência **-a-ramo** jamais ocorreu porque **-ramo** não é — ou não era na época considerada em (2) — uma marca de caso. Rose (2003:334-341) demonstra minuciosamente a atipicidade, enquanto caso, do seu reflexo **-am** em Teko.

Assim sendo, Rodrigues considera o sufixo **-a** ser o caso que serve para "habilitar um nome ou um verbo como argumento", como tal contrastando com os "casos adverbiais" de (2). Todavia, subsiste a opção alternativa de que simplesmente os argumentos — à diferença dos adjuntos — não levam marca explícita de caso, situação comum inter-linguísticamente.

Em Queixalós (2001a, 2006, 2022) o sufixo **-a** é identificado como *referenciante* ou *referrer* (*translativo* ou *nominalizador* em 2002, escrito antes do artigo de 2001; *translação* é o termo de Tesnière 1959 para a mudança de classe de palavras). Segue a justificativa para tal denominação. Se olharmos para os dois exemplos do Kamayurá em (5) (Seki 2000:161-162), vemos que a presença / ausência do referenciante *no predicado* faz a diferença entre dois tipos de predicação.

- (5)a. **jetutyr-a** **morerekwat**
 MeuTio-REFERENCIANTE chefe
 'Meu tio é (um) chefe.'
- b. **jetutyr-a** **morerekwar-á**
 MeuTio-REFERENCIANTE chefe-REFERENCIANTE
 'Meu tio é o chefe.'

(**t#** → **r** / — **V**)

O Tagalog vem à tona em Queixalós (2001a) por ter o mesmo par mínimo (Lemaréchal 1989, 1991). Extendo a denominação *referenciante* ao **ang**, gramaticalmente hospedado pelo nome subsequente. Nótase a ordem predicado + sujeito.

- (6)a. [**amerikano**] [**ang** **títser**]
 americano REFERENCIANTE professor
 'O professor é americano.'

- b. [ang aleman] [ang doktor]
 REFERENCIANTE alemão REFERENCIANTE médico
 'O médico é o alemão.'

A função básica do sufixo **-a** em Tupi-Guarani, por tanto, não pode ser a de transformar um predicado em argumento. Ainda menos a de marcar caso.

A diferença entre as estruturas *a.* e *b.* de (5)-(6) reside nas propriedades do termo predicativo em relação à referência. 'Chefe' e 'americano' em *a.* não referem, pois eles não remetem a nenhuma entidade dada como existente. Eles só fazem denotar uma classe de elementos que define, *intensionalmente*, uma determinada propriedade, 'ser chefe', 'ser americano'. A relação entre o sujeito e o predicado em *a.* é *inclusiva*, o que equivale dizer que o referente do sujeito se identifica a *um elemento qualquer* da classe delimitada pela expressão em posição de predicado. Por sua vez, ['chefe'-a] e [ang 'alemão'] em *b.* referem de fato: eles remetem a uma classe definida *extensionalmente* pelo seu elemento único, dado como entidade existente e individualmente identificável. Em *b.* a relação entre o sujeito e o predicado é *equativa* (ou identificacional): o referente do sujeito coincide com o *elemento único* da classe delimitada pela expressão em função de predicado.

Ao facultar um predicado — verbo ou nome — para referir, **a-** e **ang** implementam um constituinte nominal habilitado para ocorrer em posição de argumento. Agora, é óbvio que um sintagma nominal não é necessariamente referencial. 'Primo' em (7-a.) refere. Mais 'onça' em *b.* não refere, só denota a classe das entidades que chamamos de **jawar**. Identicamente **?yhwâpêher**, 'unha', do mesmo exemplo não refere, só denota a classe das entidades que chamamos de **?yhwâpêher**, na qual se inclui o referente de **?aŋ**, 'isto'. Assim sendo, o que esses morfemas — **-a** e **ang** — geram são expressões *capazes* de referir. É o significado da denominação *referenciante*.

- (7)a. [...] **o-?atywahaw-a** **pyr-im**
 3-primo-REFERENCIANTE casa-em
 '[...] na casa do primo'

- b. **jawar-a** **?yhwâpêher-a** **?aŋ**
 onça-REFERENCIANTE unha
 'isto é unha de onça'

(Kamayura, Seki 2000:365 e 355 respectivamente.)

Outrossim, como evidenciam os exemplos acima, a noção de argumento não se circunscreve às realizações linguísticas dos participantes requeridos pela estrutura semântica do predicado oracional. Ela inclui um subtipo de genitivos, aqueles requeridos pelos núcleos divalentes dos sintagmas nominais.

Além do Náhuatl, o Tagalog e o Tupi-Guaraní, várias línguas / famílias exibem uma marca semelhante, sempre fonologicamente leve — quiçá devido à sua ubiquidade no discurso —, que com frequência é assimilada a, ou confundida com, um artigo por ser propensa a capturar distinções semânticas e/ou pragmáticas afins ao artigo tais como número, gênero ou definitude.

As famílias Austronésia (que inclui o Tagalog) e Salish são exemplos conhecidos. Comparar com o Kamayura (Tupi-Guaraní) de (9), renumerado de (5-a.): 1. o Tongiano (Austronésio) de (10) (Tchekhoff 1984); 2. o Nootka (Salish) de (11) (Swadesh 1939:78); 3. o Lummi (Salish) de (12) (Jelinek 1993); e finalmente 4. o Movima de (13) (isolado, Haude

Tudo indica que o referenciante existe em duas línguas africanas, o Nama e o Koromfe (sem que os autores mencionem qualquer tipo de indistinção categorial entre nomes e verbos em termos de vocação para as posições de predicado / argumento). Em Nama (Khoe, Hagman 1977:56-57) um sufixo *-à* (algo misterioso, cf. "[...] difficult for us to assign a single meaning to it that would cover all of its occurrences.") ocorre com todos os sintagmas nominais em posição de argumento, (14). Em Koromfe (Niger-Congo; Rennison 1997 citado por Dryer 2007:159) um "artigo" *a* ocorre com todos os nomes comuns a não ser que eles venham acompanhados de certos "modificadores" como demonstrativos ou numerais, (15). Por outro lado, ambas as línguas exibem profusos paradigmas de artigos com distribuições diferentes daquela ostentada pelo referenciante (um exemplo é *hoŋ* em (15)). (Nos exemplos a seguir, conservarei a tradução e as glossas originais, incluída a de ARTIGO para o referenciante.)

(8) [[sintagma nominal]_{NP} referenciante]_{DP} Kamayura, (9)
Nootka, (11)
Nama, (14)

(9) [[jetutyr]_{NP-a}]_{DP} morerekwat
 MeuTio-REFERENCIANTE chefe
 'Meu tio é (um) chefe.'

(10)a. **naʔe** **siʔi** **ʔa** [**e** [**pepe**]_{NP}]_{DP}
 PASSADO pequenez ABSOLUTIVO ARTIGO bebê
 'O bebê era pequeno.'

b. **naʔe** **kai** **ʔa** **[e** **[siʔi]_{NP}]_{DP}**
 PASSADO alimentação ABSOLUTIVO ARTIGO pequenez
 'O menino comia.'

(11)a. **mamo'k-ma** [[qo' ʔas]_{NP-ʔi}]_{DP}
trabalhar-3SINGULARINDICATIVO homem-DEFINIDO
'O homem trabalha.'

8

(12) **kʔweyʔ-ø** [**cə** **nə-ŋənə**]_{NP}]_{DP}
 hungry-3ABSOLUTIVE DETERMINER my-child
 'He is hungry, (the one who is) my child.'

- (13) [sal-na [=as [pa:ko]_{NP}]_{DP}...
 procurar-DIRETO ARTIGONEUTRO cachorro
 'O cachorro está procurando...'

(Nos escritos da autora, ABSENTIAL contrasta com PRESENTIAL na semântica dos "artigos".)

- (14) **áo** **ke** [**[tarás]**_{NP-à}]_{DP} [**[pérép]**_{NP-à}]_{DP} **kè** **màa**
 homem DECL mulher-REFERENCIANTE pão REFERENCIANTE DECL dar
 'O homem deu pão à mulher.'

(15) **də** **pa** **[a** **[kẽʃ]**_{NP} **]**_{DP} **hoŋ** **[a** **ãna]**_{NP} **]**_{DP}
 3SINGHUM dar ARTIGO mulher DEFINIDOHUMSING ARTIGO MilloPLURAL
 'Ele deu millo à mulher.'

É de se notar que a classe das designações pode variar de uma língua para outra. Em Tagalog ela inclui os nomes próprios (Lemaréchal 1989:23), assim como em Náhuatl (Launey 1994:242). Em Straights Salish ela os exclui (Jelinek & Demers 1994), assim como em Guajá (Magalhães 2007:146) e Tapirapé. A filosofia da linguagem varia nesse respeito, a depender dos autores. Por exemplo Lockwood (1975) defende a natureza predicativa dos nomes próprios. Mais surpreendentemente, em Tapirapé as expressões déicticas tampouco fazem parte das designações. Além do mais, em Tapirapé os vocativos — outra classe de expressões que a princípio não deveria acolher o referenciante — também contradizem as expectativas: eles requerem o sufixo. Em nota de rodapé é documentada a sutil explicação do falante a esse respeito. (Todas as menções ao Tapirapé neste parágrafo provêm de Praça 2007:40).

9

um subtipo de predicado, como constituinte deslocado, como forma de citação ou como vocativo (Seki 2000:112). É claro que essas funções não têm nada em comum: o nome só faz *prescindir* tanto de referenciante quanto de caso devido a ora ser núcleo de predicado ora ficar fora da sintaxe oracional *strictu sensu*.

Com base na distribuição do referenciante nas línguas Tupí-Guaraní, eu proponho (2001a; com mais detalhe em 2006 e 2022) que 1. elas são descendentes de uma proto-língua omnipredicativa (identificada com o Tupí em Cabral 2001); 2. essa arquitetura gramatical está globalmente em processo de recessão; e 3. as línguas evoluem ao longo do mencionado processo com ritmos diferenciados, o Assurini do Tocantins ilustrando o estado mais conservador e o wayampi o estado mais inovador (Queixalós 2006 apoiado, respectivamente, nos dados de Cabral 1998 e Grenand 1980).

3 O CASO DO ARGUMENTO INTERNO

O segundo morfema a examinar é o chamado "prefixo relacional de contiguidade", presente, dentro de um sintagma complexo, entre um elemento "determinante" ou "nome dependente" e o núcleo do constituinte ao qual ele pertence (Rodrigues 1996).

O "determinante" — obviamente "nome dependente" é uma expressão mais adequada — ocorre nas seguintes posições (exemplos tirados do Tupinambá visto por Anchieta e Figueira; conservo a numeração e as glossas de Rodrigues: CONT = "contiguidade"; ARG = "caso argumentativo"; GER = "gerúndio"; acrescento s colchetes de constituição):

objeto de verbo divalente

- (15^R) **koromō** [sjé r-epjá-k-i]
 logo eu CONT-ver-CIRC
 'Logo me veêm.'

sujeito de verbo intransitivo

- (13^R) **opukúβo** [táβ-a r-én-i]
 DeComprido aldeia-ARG CONT-EstarSentado-CIRC
 'A aldeia está assentada ao comprido.'

genitivo

- (16^R) [wirá-ø r-áβ-a]
 pássaro-ARG CONT-pena-ARG
 'a pena do pássaro'

objeto de posposição

- (8^R) **kwesé** [kaʔá-ø r-upí] o-watá-βo [Pedro r-opár-i]
 ontem mato-ARG CONT-por 3SUJ-andar-GER P. CONT-perdido-CIRC
 'Ontem Pedro se perdeu, andando pelo mato.'

Os exemplos sugerem duas observações, a serem confirmadas com mais dados: 1. os verbos que têm o nome dependente como sujeito, exemplo (13^R), são verbos *inacusativos*; e 2. os nomes que têm o nome dependente como genitivo, exemplo (16^R), são nomes *divalentes* — em termos semânticos, inalienáveis. Deduzo que a presença do "prefixo de contiguidade",

doravante identificado como **R-** a partir do alomorfe de base, marca a presença de um *argumento interno*. Nótese que esse conceito já está em Cabral (2002) em relação aos núcleos verbais.

O qual conduz a mais um questionamento. Se o prefixo **R-** é "acrescentado ao núcleo" (Rodrigues 1996), estamos frente a uma configuração de marcação de núcleo (*head marking*). Nessa circunstância, **R-** deveria ser uma marca de indexação pronominal de argumento ou de concordância com um argumento (Nichols 1986; a dicotomia indexação / concordância é a miúdo ponderada com base em pressupostos teóricos), o que obviamente ele não é.

Vejamos em que medida o tal de "prefixo" é algo diferente da marcação de núcleo sugerida pela mera percepção fotográfica dos dados empíricos.

A solução está na diacronia. Eu proponho em Queixalós (2022) que a natureza do **R-**, excessivamente acobertada por sua evolução no decurso do tempo (Meira & Drude 2013 é uma tentativa de reconstrução fonológica), é a de um sufixo de caso que na sua trajetória histórica se procliticizou ao núcleo, perdendo substância fônica até, em casos extremos, fundir-se com o primeiro segmento fonológico do núcleo (daí a evocação do *status constructus* em Rodrigues 1996). O mecanismo dessa deriva sintagmática em direção ao núcleo é conhecido como *head attraction* (Haig 2008:336) ou *headward-migrated dependent marking* (Nichols & Bickel 2005). Além do Katukina, que motivou a interpretação a seguir, no artigo de 2022 eu forneço um listado de dez línguas que exibem o mesmo fenômeno em diferentes regiões do mundo.

Em Katukina, todo núcleo divalente vem acompanhado por um aparente prefixo **na-** quando forma sintagma com um nome que o precede, isto é, verbo divalente, nome divalente, e posposição, nessa ordem nos exemplos (sobre a natureza "diádica" das adposições, cf. Hale & Kayser n.d.; faço uso de nomes próprios para maior simplicidade dos exemplos):

- | | | | | | | |
|------|-------------------|-----------------|---------------|----------------|----------------|----------------|
| (17) | a. Dapoma | na-bu | b. Owi | na-pama | c. Kopa | na-katu |
| | D. | na-fazer | O. | na- pai | K. | na-com |
| | 'Dapoma (o) fez.' | | 'pai da Owi' | | 'com Kopa' | |

Nenhum material xxx pode ser intercalado entre dois componentes da sequência: *[nome xxx **na-**], *[**na**-xxx-núcleo].

Segundo Groth (1985) **na-** é concordância com o sujeito de verbo divalente quando o verbo é precedido por um nome próprio ou um sintagma nominal. Nada é analisado em termos de constituinte (a pesar do título: 'Syntax of the phrase types [...]') nem os outros núcleos possíveis são mencionados, embora nome divalente e posposição apareçam nos exemplos (105b) e (131) do original, respectivamente.

Em meados dos anos noventa Spike Gildea e Sérgio Meira, em comunicação pessoal, sugeriram que o **na-** Katukina poderia ser de mesma natureza daquilo que Aryon Rodrigues chamava de "prefixo relacional de contigüidade" em se tratando das famílias Caribe e Tupi-Guaraní. No mesmo período (Queixalós 1995) eu defendia que em Katukina a sequência [nome imediatamente seguido de **na-** no verbo] fosse explicável mediante uma hipótese diacrônica que, continuando a reflexão e me inspirando em Haig (2008), acabarei identificando como *head attraction* (2013:29). Levando em conta essa perspectiva, (17) acima é representado como (18), onde o traço - indica sufixação de caso, é o símbolo igual = indica procliticização ao núcleo.

- | | | | | | | |
|------|--------------------------|------------|-----------------------|--------------|------------------------|--------------|
| (18) | a. [[Dapoma-na=] | bu] | b. [[Owi-na=] | pama] | c. [[Kopa-na=] | katu] |
| | D. | fazer | O. | pai | K. | com |
| | 'Dapoma (o) fez.' | | 'pai da Owi' | | 'com Kopa' | |

Em reunião da Abralín, Belém, 26 fevereiro de 2015, eu proponho analisar o "prefixo relacional de contigüidade" Tupí-Guaraní como uma réplica — ou evolução diacrônica *paralela* — do **na-** Katukina. Em outras palavras, entendo o Tupí-Guaraní *a partir* do Katukina, pois o primeiro também experimentou o sufixo de caso do argumento interno se procliticizando ao núcleo verbal divalente, nominal divalente e posposicional, (19). A representação tradicional é fornecida em *a*. (Para maior conforto na comparação alinho alguns detalhes com as opções adotadas no presente trabalho, especialmente os colchetes de constituição.) Em *b*., a reformulação nos termos de (18). Uma ressalva importante aqui é que não levo em conta o sujeito de verbo inacusativo porque ele se situa no exterior do sintagma verbal nas duas línguas que em (19) servem de ilustração (Queixalós 2022 seção 9.1).

Tapirapé: verbo divalente

- (19) *a.* **Marãxe'i a-a [[Ipajro] r-exãk-e'ym-ire]**
M. 3-ir I. R-ver-NEGAÇÃO-CONSECUTIVO
'Marãxe'i foi embora depois que não viu Ipaíro.'

(Praça 2007:52 exemplo (133).)

- b.* **Marãxe'i a-a [[Ipajro-r=] exãk-e'ym-ire]**
M. 3-ir I.-CASO= ver-NEGAÇÃO-CONSECUTIVO

Guajá: nome divalente

- a.* [[xahú] r-awáj-a] **a-xá**
porcão R-rabo-REFERENCIANTE 1-ver
'Eu vi o rabo do porcão.'

(Magalhães 2007:27 exemplo (37).)

- b.* [[xahú-r=] **awáj-a] a-xá**
porcão-CASO= rabo-REFERENCIANTE 1-ver

Guajá: posposição

- a.* **ø-ipí kwa'até [[irá] r-ehé]**
3-ir alto árvore R-sobre
'Subiu no alto, sobre a árvore.'

(Magalhães 2007:38 exemplo (61).)

- b.* **ø-ipí kwa'até [[irá-r=] ehé]**
3-ir alto árvore-CASO= sobre

O leitor poderá apreciar em Queixalós (2022) não só os pormenores da argumentação que precede no que diz respeito ao Tupí-Guaraní, como também a prova de que o **-na-** Katukina tem seu precursor diacrônico em um *sufixo de caso*. Pondero aqui que o dialeto Kanamari carece dele: a marca de caso surgiu como tal — verificando minhas *especulações* diacrônicas em cima do Kanamari — assim que comecei a estudar o dialeto Katukina do Biá:

(20) a. **yo-dahu** **wankurun** **hak-na**
 1SINGULAR-levar panela casa-ALATIVO
 'Eu levei a panela para a casa.'

b. **yo-nuhuk** **wa:kak** **Oki-na**
 1SINGULAR-dar abacaxi Oki-DATIVO
 'Eu dei o abacaxi à Oki.'

4 SUMÁRIO

Nesta contribuição apresentei em uma primeira parte o itinerário profissional que me levou a descobrir o Brasil e suas línguas indígenas, assim como os caminhos que estas abriram no meu entendimento da tipologia gramatical. Logo em seguida recapitulo as propostas que ao longo dos anos fiz a respeito de duas singularidades que a morfologia das línguas Tupí-Guaraní ostenta, e cujas análises padeciam no meu ver de abordagens muito morfologistas-fonologistas e pouco sintaticistas: o "sufixo de caso argumental" e o "prefixo relacional de contigüidade". Concluo que nem o sufixo é caso, nem o prefixo é genuinamente prefixo, sem contar que este tem sido associado a uma noção — contigüidade — que teria merecido ser substanciada com maior conteúdo sintático.

5 BIBLIOGRAFIA

- Cabral, A. (1997) 'Prefixos relacionais no Assurini do Tocantins' *Moara* 8, 7-24
- Cabral, A. (1998) 'Observações sobre caso no Asuriní do Tocantins' *Seminário Permanente de Línguas Indígenas*, Belém, UFPa.
- Cabral, A. (2001) 'Observações sobre a história do morfema -a da família Tupí-Guaraní' in Queixalós, F. (ed.), *Noms et verbes en tupi-guarani: état de la question*, Studies in Native American Languages 37, München, Lincom Europa, 133-162
- Cabral, A. (2002) 'Natureza e direções das mudanças de alinhamento ocorridas no tronco Tupí' in Queixalós, F. (ed.), *Ergatividade na Amazônia I*, Paris, Centre d'Etudes des Langues Indigènes d'Amérique (CNRS, IRD); Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas (UnB), 1, 5-7
- Couchili, T., Maurel, D. & Queixalós, F. (2002) 'Classes de lexèmes en émerillon' *Amerindia* 26/27, 173-208
- Dryer, M. (2007) 'Noun phrase structure' Shopen, T. (ed.) *Language Typology and Syntactic Description II: Complex Constructions*, second edition Cambridge University Press 151-205
- Frege, G. (1891) *Funktion und Begriff. Vortrag gehalten in der Sitzung vom 9. Januar 1891 der Jenaischen Gesellschaft für Medizin und Naturwissenschaft (Function and Concept. An Address to the Jenaische Gesellschaft für Medizin und Naturwissenschaft on 9 January, Jena, Verlag Hermann Pohle, traduzido (1984) 'Función y concepto' Estudios sobre semántica, Barcelona. Ediciones Orbis*
- Grenand, F. (1980) *La langue wayãpi*, SELAF, Paris
- Groth, Ch. (1985) 'Syntax of the phrase types in Kanamari' in Fortune, D. (ed.) *Porto Velho Workpapers*, SIL Publications, 1-27
- Hagman, R. S. (1977) *Nama Hottentot Grammar*, Bloomington, Indiana University Press
- Haig, G. (2008) *Alignment change in Iranian languages. A Construction Grammar approach*, Berlin, Mouton De Gruyter
- Hale, K. & Keyser, J. (1993) 'The Basic Elements of Argument Structure' <http://ling-phil.mit.edu/papers/hale/papers/hale012.pdf>

- Haude, K. (2009) 'Hierarchical Alignment in Movima' *International Journal of American Linguistics* 75.4, 513-532
- Jelinek, E. (1993) 'Ergative 'Splits' and Argument Type' MIT Working Papers in Linguistics 18, 15-42
- Jelinek, E. & Demers, R. A. (1994) 'Predicates and Pronominal Arguments in Straits Salish' *Language* 70.4, 697-736
- Launey, M. (1994) *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl classique*, Paris, CNRS Editions
- Lemaréchal, A. (1989) *Les parties du discours. Sémantique et syntaxe*, Paris PUF
- Lemaréchal, A. (1991) *Problèmes de sémantique et de syntaxe en palau*, Paris, CNRS Editions
- Lockwood, M. (1975) 'On Predicating Proper Names' *The Philosophical Review* 84. 471-498
- Magalhães, M. (2007) *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupí-Guaraní)*, tese de doutorado, Universidade de Brasília
- Meira, S. & Drude, S. (2013) 'Sobre a origem histórica dos “prefixos relacionais” das línguas Tupí-Guaraní' *Cadernos de Etnolinguística* 5.1, <http://www.etnolinguistica.org/>
- Nichols, J. (1986) 'Head-Marking and Dependent-Marking Grammar' *Language*, 62.1, 56-119
- Nichols, J. & Bickel, B. (2005) 'Locus of marking' in Haspelmath, M., Dryer, M., Gil, D. & Comrie, B. (eds.) *The World Atlas of language structures*, Oxford, Oxford University Press, 98-109
- Postal, P. (1970) 'The Method of Universal Grammar' in Garvin, P. (ed.) *Method and theory in linguistics*, The Hague / Paris, Mouton, 113-127
- Praça, W. (2007) *A morfossintaxe da língua Tapirapé*, tese de doutorado, Universidade de Brasília
- Queixalós,² F. (1995) 'Transitividade em Katukina: uma primeira aproximação' *Anais do IX Encontro nacional da ANPOLL, Linguística* 2, João Pessoa, 1063-1071
- Queixalós, F. (2001a) 'Le suffixe référentiant en émérillon' in Queixalós, F. (ed.) *Noms et verbes en tupi-guarani : état de la question*, Studies in Native American Languages 37, Munich, Lincom Europa, 117-132
- Queixalós, F. (2001b) (ed.) *Noms et verbes en tupi-guarani : état de la question*, actes du colloque *Rencontre sur la grammaire des langues tupi-guarani*, Cayenne, 25-27 janvier 2000, Munich, Lincom Europa, SNAL 37, 170 p.
- Queixalós, F. (2005) 'Posse em Katukina e valência dos nomes' Rodrigues, A. & Cabral, A. (eds) *Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras*, Brasília, Universidade de Brasília, 177-202
- Queixalós, F. (no prêlo) 'Katukina-Kanamari and Sikuani: subject and object within the ergativity / accusativity arenas'
- Queixalós, F. & Renault-Lescure, O. (2000) *As línguas amazônicas hoje*, atas do encontro *As línguas indígenas da Amazônia na ciência e nas sociedades*, Belem 1996, São Paulo ISA, Paris IRD, Belém MPEG
- Rennison, J. R. (1997) *Koromfe*, Descriptive Grammars London, Routledge
- Rodrigues, A. (1996) 'Argumento e predicado em Tupinamba' *Boletim de Associação brasileira de linguística* 18, 57-66
- Rodrigues, A. (2001) 'Sobre a natureza do caso argumentativo' in Queixalós, F. (ed.), 103-114
- Seki, L. (2000) *Gramática do Kamaiurá*, São Paulo, Editora da Unicamp
- Tesnière, L. (1959) *Eléments de syntaxe structurale*, Paris, Klincksieck

² Os meus trabalhos podem ser consultados em <http://qxls.free.fr/QxlsProf/publ.htm>.